

Neide Lopes Patarra
(compiladora)

Carmen A. Miró
Axel I. Mundigo
Barent Landstreet
Carlos Welte Chanes
Irma O. G. y Garma
Susana Lerner
André Quesnel
Paulo de Tarso A. Paiva
Brigida García
Humberto Muñoz
Orlandina de Oliveira
Elza Berquó
Vilmar Faria
Maria Coleta de Oliveira

Reproducción de la población y desarrollo

5

**Transição da Fecundidade:
Análises e Perspectivas**

**CONSEJO
LATINOAMERICANO
DE CIENCIAS
SOCIALES**

Informe de investigación
Serie: Población
**Comisión de Población
y Desarrollo**

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Neide Lopes Patarra	1
 Las Tendencias Recientes de la Fecundidad en América Latina y sus Implicaciones Carmen A. Miró	 3
 Determinantes del Cambio de la Fecundidad en Cuba — Políticas y Tendencias Recientes Axel I. Mundigo e Barent Landstreet	 33
 Algunos Factores Asociados al Descenso de la Fecundidad, Analizados a Partir de la Información de la Encuesta Mexicana de Fecundidad de 1976 Carlos Welti Chanes	 93
 Preludio del Descenso de la Fecundidad en México Irma O. García y Garma	 131
 La Estructura Familiar como Expresión de Condiciones de Reproducción Social y Demográfica. El Caso de la Zona Henequenera en Yucatan Susana Lerner e André Quesnel	 157
 O Processo de Proletarização como Fator de Desestabilização dos Níveis de Fecundidade no Brasil Paulo de Tarso Almeida Paiva	 213
 Población y Estructura Familiar en Dos Contextos Brasileños Brigida García, Humberto Muñoz e Orlandina de Oliveira	 251
 Migrações e Fecundidade em Quatro Contextos Brasileiros Elza Salvatori Berquó e Vilmar Faria	 279
 Notas Acerca da Família nos Estudos Demográficos Maria Coleta F. A. de Oliveira	 319
 ANEXO: Programa de Trabajo de la VII Reunión del Grupo del Trabajo sobre el Proceso de Reproducción de la Población	 337

**MIGRAÇÕES E FECUNDIDADE EM
QUATRO CONTEXTOS BRASILEIROS**

**Elza Salvatori Berquó
Vilmar Faria**

Neste trabalho são apresentados e discutidos alguns resultados preliminares de um projeto de pesquisa bem mais amplo¹ que visa a estudar as interrelações existentes entre migração, estrutura familiar e fecundidade em nove contextos brasileiros, com base nos dados produzidos pela Pesquisa Nacional de Reprodução Humana realizada pelo CEBRAP e cujos levantamentos amostrais foram feitos entre 1975 e 1977.

Estas notas de pesquisa correspondem à parte do trabalho realizado durante a primeira fase do projeto e que se ocupou de explorar alternativas de análise da informação disponível. Por isso mesmo, oferecemos aqui alguns resultados preliminares de uma das alternativas tentadas.

Nestas notas limitamo-nos a:

- i) caracterizar os fluxos migratórios, diferenciando os migrantes do ponto de vista do caráter rural ou urbano de procedência, da distância envolvida no último percurso migratório e do ponto de vista das características de sua trajetória migratória;
- ii) explorar alternativas de análise dos dados colhidos através da história de vida dos entrevistados que permitam estudar comparativamente o processo de reprodução de migrantes e nativos;

(1) Projeto em andamento, financiado pelo IDRC.

- iii) apresentar dados relativos a quatro dos nove contextos de que se ocupa a PNRH, devido a certas características desses quatro contextos que serão esclarecidas na primeira seção destas notas.

Como se trata de resultados preliminares, sujeitos a confirmação, deixamos de desenvolver explicações teóricas mais acabadas para os resultados encontrados. Ao submeter estes resultados aos colegas, esperamos receber críticas e contribuições com respeito aos procedimentos, deixando o trabalho de explicação substantiva para posterior apresentação.

Estas notas se dividem em três partes. Na primeira procuramos caracterizar de forma sumária os quatro contextos analisados. Na segunda, tratamos de apresentar os resultados relativos ao dimensionamento dos fluxos migratórios caracterizados segundo a característica rural ou urbana e a distância curta ou longa do local de última procedência bem como aqueles relativos à fecundidade de migrantes e nativos no momento da entrevista. Finalmente, na terceira parte, oferecemos resultados produzidos pela análise do processo reprodutivo dos migrantes, agora considerados do ponto de vista de sua trajetória migratória com referência ao atual lugar de residência. Embora todos os resultados sejam preliminares e se refiram mais aos procedimentos, é com respeito a esta última parte que gostaríamos de aprofundar a discussão técnico-metodológica, por tratar-se de tentativa inicial de explorar dados de história de vida.

1. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DOS QUATRO CONTEXTOS ANALISADOS

A PNRH, realizada pelo CEBRAP, concentrou-se no estudo de nove áreas ou contextos brasileiros, sendo quatro rurais e cinco urbanos, tendo em vista suas peculiaridades quanto às formas prevalecentes de organização da produção.

Quatro destes contextos, conhecidos na terminologia da PNRH como Parnaíba Rural, Parnaíba Urbano, Santa Cruz do Sul Rural e Santa Cruz do Sul Urbano, localizam-se em dois municípios, respectivamente Parnaíba e Santa Cruz do

Sul. Os outros cinco contextos estudam apenas a parte rural ou a parte urbana de cinco outros municípios brasileiros. Por isso mesmo, a análise destes quatro contextos permite comparar migrantes que provêm da área rural (ou urbana) de um mesmo município, com a população nativa rural (ou urbana) de onde procedem estes migrantes. É por esta razão que começamos por analisar estes quatro contextos.

Além disso, do ponto de vista dos níveis de fecundidade, os dois municípios apresentam diferenças bastante pronunciadas, conforme se pode observar pelos dados da Tabela 1.

TABELA 1

TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL PARA 1965, 1970 E 1975

Períodos	Santa Cruz do Sul				Parnaíba			
	Rural		Urbana		Rural		Urbana	
(A) 1965	7.28	(221)	4.35	(243)	8.42	(221)	8.21	(221)
(B) 1970	6.07	(273)	2.54	(271)	7.92	(253)	7.76	(272)
(C) 1975	4.52	(278)	2.92	(277)	8.89	(258)	6.09	(289)
B/A %	16.62		41.61		5.94		5.48	
C/B %	25.53		+14.96		+12.25		21.52	
C/A %	37.91		32.87		+5.58		25.82	

Nota: Os números entre parênteses equivalem ao número de mulheres.

Embora ambos municípios tenham tido uma evolução de suas populações globais relativamente semelhantes (conforme Tabela 2), caracterizando-se por pequenos decréscimos absolutos em suas populações rurais e aumentos relativamente altos de suas populações urbanas, estes municípios são radicalmente distintos em seus perfis sócio-econômico-culturais.

TABELA 2

EVOLUÇÃO RECENTE DA POPULAÇÃO (1960/1980)
PARNAÍBA

Anos	População			Crescimento (%)		
	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total
1960	28.850	33.869	62.719	- 2.63	5.21	2.33
1970	22.186	57.030	79.216	0.32	3.22	2.49
1980	22.913	78.718	101.631			
1960/1980				-1.15	4.22	2.41

SANTA CRUZ DO SUL

Anos	População			Crescimento (%)		
	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total
1960	55.429	20.501	75.931	- 0.31	4.77	1.33
1970	53.742	33.045	86.787	- 1.87	5.11	1.36
1980	44.583	55.084	99.667			
1960/1980				- 1.09	4.94	1.34

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos 1960/1970/1980.

O município de Parnaíba localiza-se no Estado do Piauí, uma das regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. Insere-se na divisão social do trabalho como área dedicada à agropecuária de subsistência, especialmente a extração vegetal para exportação. No período mais recente, a zona urbana do município consolidou suas funções de centro regional prestador de serviços, especialmente de serviços públicos, funcionando como "lugar central" de uma zona rural empobrecida. Análises mais globais, para o período recente, sugerem a existência de fortes fluxos emigratórios compensados, em parte, por

fluxos de imigrantes que se destinam à zona urbana do município.

Santa Cruz do Sul, por seu turno, localiza-se no Estado do Rio Grande do Sul, na região Sul do país. A principal característica da área é ter sido ocupada por imigrantes europeus que aí desenvolveram uma agricultura familiar. A região de Santa Cruz do Sul terminou por especializar-se na agricultura fumageira e, em consequência disso, desenvolveu-se na porção urbana do município a indústria de beneficiamento do fumo. O processo secular de segmentação da pequena propriedade familiar e crises periódicas de cultura do fumo afetaram a zona rural do município que passou a experimentar forte emigração. As crises recorrentes da atividade fumageira e a política econômica governamental para o setor criaram condições para a entrada do capital estrangeiro na atividade, o que passa a ocorrer a partir de 1962. O capital estrangeiro, fortemente concentrado, submete tanto a atividade industrial quanto, indiretamente, a atividade agrícola do fumo. Além disso, o caráter estacional da atividade fumageira provoca variações anuais na demanda por mão-de-obra e esta passa a depender de um mercado regional de trabalho, o que provoca fluxos migratórios intermitentes na região, embora a atividade urbana, tanto industrial como de serviços, tenha experimentado algum desenvolvimento.

Tendo estas diferenças em mente, passamos a analisar os fluxos migratórios para os quatro contextos.

2. OS FLUXOS MIGRATÓRIOS PARA PARNAÍBA E SANTA CRUZ DO SUL SEGUNDO O LUGAR DA ÚLTIMA PROCEDÊNCIA: COMPOSIÇÃO E NÍVEIS DE FECUNDIDADE

Cabe, em primeiro lugar, dimensionar o volume de migrantes residentes em cada um dos quatro contextos analisados (Parnaíba Rural, Parnaíba Urbano, Santa Cruz Rural e Santa Cruz Urbano), caracterizar estes fluxos e estimar os níveis de fecundidade dos diversos subconjuntos pertinentes de migrantes, em comparação com os nativos de cada contexto. Antes, porém, é conveniente lembrar algumas características e limitações dos dados.

Para começar, ressaltamos que as análises que aqui fazemos baseiam-se em amostras aleatórias da população adulta residente em meados de 1975 em cada uma das áreas e que os dados utilizados derivam apenas das histórias de vida destes adultos e que fazem parte de um questionário mais amplo. Isso significa, por um lado, que os dados se referem aos migrantes que permaneceram e sobreviveram em cada contexto e que, além disso, possuíam mais de 18 anos na data da entrevista. Estão automaticamente excluídos das amostras os migrantes que entraram na área e a deixaram, bem como os migrantes menores de 18 anos na data da entrevista. Significa, por outro lado, que os dados às vezes não permitem a construção de indicadores mais adequados de vários fenômenos aqui analisados, embora apresentem a vantagem de podermos examinar os processos migratório e reprodutivo desta população adulta. Na verdade, os resultados preliminares que ora apresentamos constituem uma primeira tentativa de utilizar os dados das histórias de vida da Pesquisa Nacional de Reprodução Humana.

Em segundo lugar, por tratar-se de amostras de tamanho relativamente pequeno (400 casos em cada contexto) nem sempre é possível trabalhar com diversas variáveis simultaneamente desagregadas de forma teoricamente mais rica. Finalmente, por razões de ordem técnica ligada ao estado atual do arquivo de dados, nesta seção excluímos da análise dois subconjuntos da população entrevistada: os nativos em cada contexto que deixaram a área e a ela retornaram (migrantes de retorno) e os migrantes que chegaram à área com menos de um ano de idade e aí permaneceram. Posteriormente incorporaremos estes grupos na análise.

a) Volume e composição dos fluxos por local de última procedência

Para estimar o volume da população adulta migrante residindo em cada um dos contextos, estudar suas composição e analisar seus níveis de fecundidade concentraremos nossa atenção, nesta parte do trabalho, no lugar de última procedência dos migrantes. Na Tabela 3 aparece a decomposição das amostras em migrantes e nativos e na Tabela 4 são apresentados os dados relativos ao local de última procedência dos migrantes (grupo B, da Tabela 3) agrupando

os locais segundo seu caráter rural ou urbano e segundo a distância do contexto analisado (do próprio município, da micro-região onde se localiza o município, do estado a que pertence o município e do resto do país).²

Como se pode observar pelos dados da Tabela 3, as quatro áreas diferem em sua capacidade de atrair e reter migrantes. Enquanto nas áreas urbanas de Parnaíba e Santa Cruz do Sul em torno de 65% da população residente está constituída por migrantes, essa porcentagem cai para 44.5% em Parnaíba Rural e para apenas 18.0 em Santa Cruz Rural, chamando a atenção, especialmente, o número reduzido de migrantes residentes nesta última área.

Deixando de lado os subconjuntos C e D da Tabela 3 (migrantes que chegaram com menos de um ano de idade, nativos que deixaram a área e a ela retornaram e os casos sem informação do lugar de procedência), podemos verificar que a composição dos migrantes por área de procedência também difere nos quatro contextos considerados. Em Santa Cruz Rural residiam migrantes provenientes, basicamente, das zonas rurais das diversas áreas e micro-região, estado e resto do país - sendo de destacar-se o contingente procedente da micro-região onde se localiza o Município de Santa Cruz.

Em Parnaíba Rural, os migrantes residentes apresentam composição ligeiramente diferente de Santa Cruz Rural. Parnaíba atraiu e reteve mais migrantes da zona urbana do município (22.5%) sendo o restante do fluxo constituído por migrantes provenientes das zonas rurais do país.

O fluxo de migrantes residentes em Santa Cruz Urbano é bastante diversificado quanto às zonas de procedência, cabendo no entanto destacar a importância do contingente proveniente da zona rural do próprio município (38.4%).

(2) Por micro-região entende-se a micro-região homogênea onde se localiza o município, tal como definido pelo IBGE; no caso de Parnaíba, considerando-se o tamanho relativamente pequeno do Estado do Piauí, a região denominada "Estado" engloba também o Maranhão. No caso de Santa Cruz do Sul, "Estado" refere-se ao Rio Grande do Sul.

TABELA 3

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ADULTA RESIDENTE EM MIGRANTES E NATIVOS

Migrantes Nativos	Lugar de Residência							
	Santa Cruz do Sul				Parnaíba			
	Rural		Urbana		Rural		Urbana	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nativos permanentes (A)	259	64.8	91	22.7	160	40.0	87	21.8
Migrantes (B)	72	18.0	258	64.5	178	44.5	262	65.5
Nativos que emigraram e retornaram e migrantes que chegaram com menos de 1 ano de idade (C)	67	16.7	48	12.0	59	14.7	50	12.5
Sem informação (D)	2	0.5	3	0.8	3	0.8	1	0.2
Total	400	100.0	400	100.0	400	100.0	400	100.0

TABELA 4

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ADULTA RESIDENTE QUANTO AO LUGAR DE ORIGEM

Última Procedência	Lugar de Residência							
	Santa Cruz do Sul				Parnaíba			
	Rural		Urbana		Rural		Urbana	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Zona Urbana do Município	7	9.7	-	-	40	22.5	-	-
Zona Rural do Município	-	-	99	38.4	-	-	24	9.2
Zona Urbana da Micro Região	1	1.4	19	7.4	2	1.1	12	4.6
Zona Rural da Micro Região	27	37.5	19	7.4	27	15.2	37	14.1
Zona Urbana do Estado	1	1.4	40	15.5	9	5.1	54	20.6
Zona Rural do Estado	24	33.3	34	13.2	56	31.2	58	22.1
Zona Urbana do País	2	2.8	31	12.0	7	3.9	41	15.6
Zona Rural do País	10	13.9	16	6.2	37	20.8	36	13.7
Total	72	100.0	258	100.1	178	100.1	262	99.9

Finalmente, o contingente de migrantes residentes em Parnaíba Urbano também apresenta-se diversificado, embora chame a atenção o número relativamente pequeno de migrantes procedentes da zona rural do município e da zona urbana da micro-região.

b) Migração por local de procedência e níveis de fecundidade

Como assinalamos, o obstáculo maior que enfrentamos, ao trabalhar com os dados das histórias de vida dos residentes em cada contexto, reside no tamanho relativamente pequeno das amostras, o que impede sua desagregação em sub-grupos mais determinados. Por isso, nesta análise preliminar procuraremos considerar apenas aspectos diferenciadores dos migrantes. Por um lado o caráter rural ou urbano do local de última procedência e, por outro, a distância deste local do contexto de residência.

Um segundo problema que enfrentamos foi o de definir um indicador dos níveis de fecundidade que permitisse comparações entre subconjuntos de migrantes e entre estes e os nativos considerados relevantes. Para esta seção, conscientes da precariedade do indicador, optamos por tomar o número total de filhos tidos pelo contingente que constitui cada sub-grupo até cada momento relevante, dividindo-o pelo total de pessoas de 14 anos ou mais, como indicativo dos níveis relativos de fecundidade. Dada sua precariedade, este indicador permite apenas comparações internas.

Começamos por analisar o comportamento deste indicador, doravante denominado número médio de filhos tidos, nos vários contextos analisados quando se compara a população migrante residente segundo sua origem rural ou urbana e os nativos, no momento da entrevista. Os dados para essa comparação aparecem na Tabela 5.

Deixando de lado os problemas de instabilidade do indicador provenientes do tamanho diferencial das sub-amostras, vemos que as tendências são inequívocas.

TABELA 5

NÚMERO TOTAL DE FILHOS TIDOS POR PESSOAS DE 14 ANOS E MAIS
(MOMENTO DA ENTREVISTA, SEGUNDO A PROCEDÊNCIA RURAL OU URBANA)

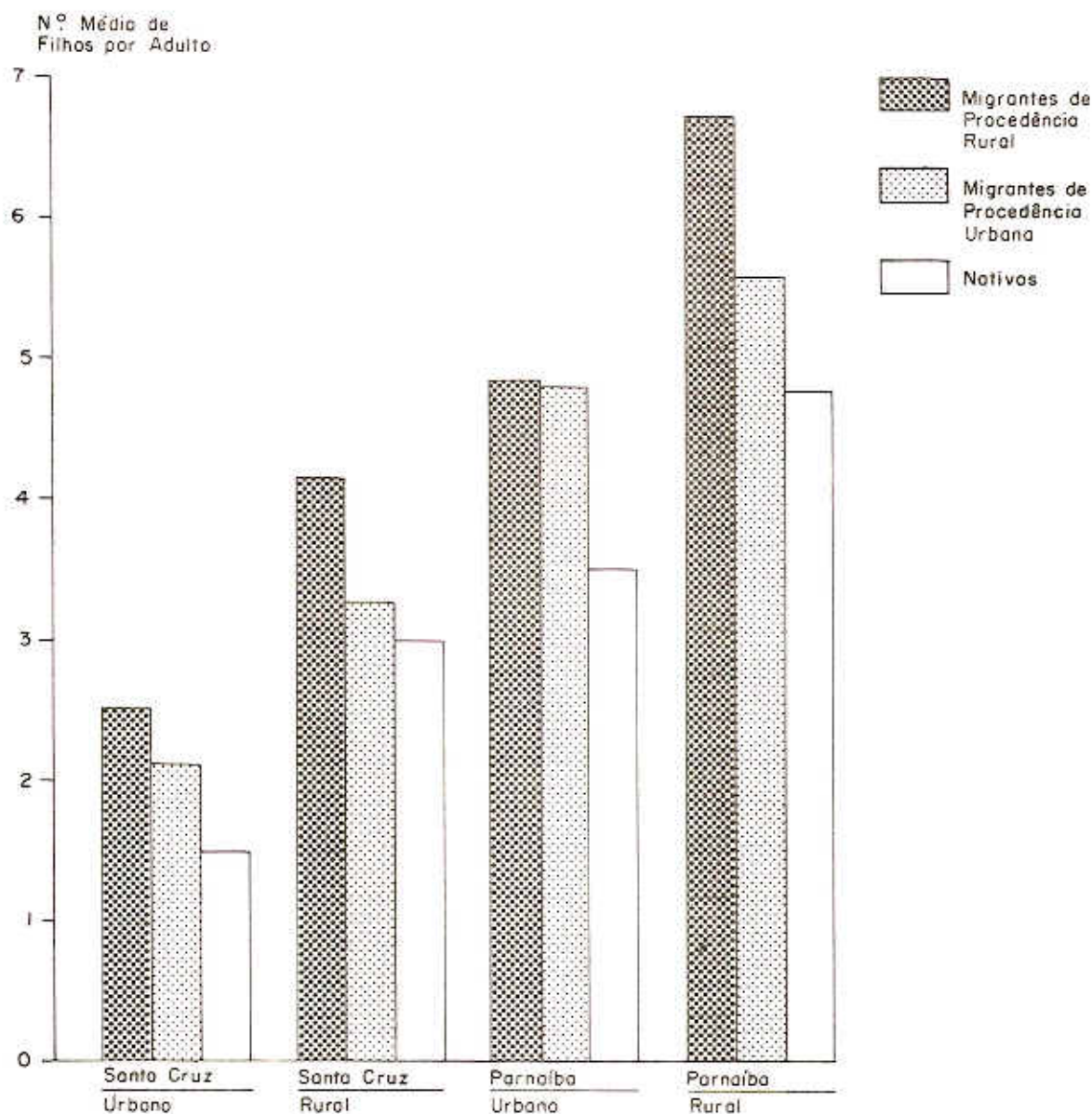
Procedência	Lugar de Residência			
	Parnaíba		Santa Cruz	
	Rural	Urbano	Rural	Urbano
. Migrantes de Procedência Rural	6.71 (83) *	4.86 (113)	4.16 (46)	2.56 (124)
. Migrantes de Procedência Urbana	5.59 (42)	4.84 (82)	3.27 (10)	2.14 (71)
. Nativos	4.80 (160)	3.50 (87)	3.00 (259)	1.50 (91)

Nota: (*) Os números entre parênteses referem-se ao total de maiores de quatorze anos.

O número médio de filhos tidos diminui monotonicamente quando passamos das zonas rurais para as zonas urbanas, dentro de um mesmo município; quando passamos do município de Parnaíba para o município de Santa Cruz e, finalmente, em todos os contextos, quando passamos do subconjunto de migrantes de procedência rural para o subconjunto de procedência urbana, caindo ainda mais quando passamos para o subconjunto dos nativos de cada contexto. Neste sentido e em termos qualitativos podemos dizer que o contexto de residência, a zona de residência e a procedência dos migrantes têm efeitos aditivos sobre o número médio de filhos tidos, produzindo, em conjunto, uma diferença de mais de cinco filhos quando comparamos dois grupos extremos: para os nativos residentes de Santa Cruz Urbano o número médio de filhos é 1,50 e para os migrantes de procedência rural residentes de Parnaíba Rural este número atinge 6,71 filhos.

A Figura 1 permite melhor avaliação visual do que acabamos de dizer, sendo de ressaltar-se a maior homogeneidade dos migrantes em Parnaíba Urbano.

Figura 1 - Número de filhos tidos por pessoas adultas, no momento da entrevista, segundo o contexto de residência e a procedência



FONTE: Tabela 5

Verifiquemos, agora, qual o impacto do segundo aspecto diferenciador dos migrantes, a distância. Em virtude das limitações impostas pelo número de casos, consideramos apenas os migrantes de curta distância - considerando como tais os que procedem da micro-região a que pertence o município - e os migrantes de longa distância - considerando como tais os provenientes de fora da micro-região.³ Os dados básicos sobre o número médio de filhos tidos aparecem na coluna 5 da Tabela 7, no final desta seção. Para uma melhor visualização das tendências apresentamos estes mesmos dados na Figura 11.

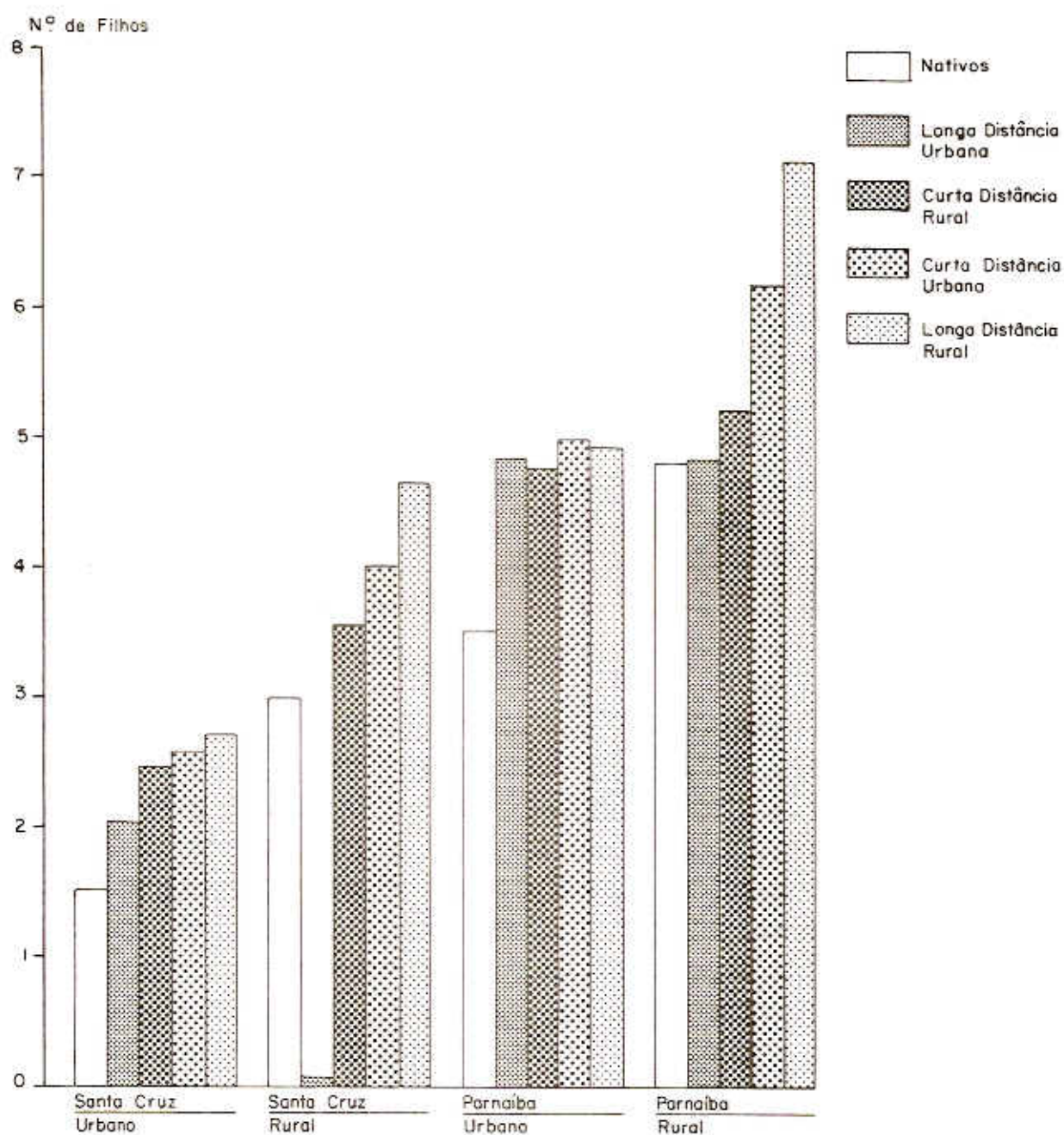
Com relação a estes dados cabe mencionar, em primeiro lugar, que ao introduzir o fator distância, diminuem os tamanhos das subamostras, o que dá maior instabilidade ao indicador, particularmente no caso dos subconjuntos de Santa Cruz Rural. Os migrantes de procedência urbana de longa distância são apenas três e os de curta distância apenas oito.

Em segundo lugar, apesar das tendências se complicarem um pouco, é razoável concluir que para três dos quatro contextos os dados revelam algumas regularidades. Assim, o número médio de filhos é maior nas áreas urbanas dos dois municípios nos vários subconjuntos de migrantes que nos subconjuntos de nativos e, finalmente, o número de filhos decresce sistematicamente quando, partindo dos subconjuntos de migrantes de longa distância de procedência rur,al, passamos para os subconjuntos de migrantes de curta distância urbanos, em seguida para os subconjuntos de migrantes de curta distância rurais e chegamos aos subconjuntos de migrantes de longa distância e procedência urbana. O interessante, nestes resultados, é o número médio de filhos mais elevado dos migrantes de curta distância e procedência urbana em comparação com os migrantes de curta distância e procedência rural, neste caso em todos os quatro contextos analisados, o que parece relativamente inesperado.

Num contexto, entretanto, estas tendências não ocorrem. Trata-se de Parnaíba Urbano. Neste contexto a diferença realmente importante é entre migran-

(3) Lembremos que a grande maioria (mais de 90%) dos migrantes considerados de longa distância provêm dos estados do Nordeste, no caso de Parnaíba, e dos estados do Sul, no caso de Santa Cruz do Sul.

Figura 2 - Número total de filhos tidos por pessoas adultas no momento da entrevista, segundo o contexto de residência e o tipo de procedência



FONTE: Tabela 7

tes e nativos. Os migrantes tendem a apresentar um número médio de filhos bastante semelhante, pois a maior diferença entre subconjuntos de migrantes é de apenas 0.25 filhos.

Deixando de lado o caso de Parnaíba Urbano, onde se dá a referida homogeneidade entre os vários subgrupos de migrantes, podemos concluir que tanto o caráter rural ou urbano da zona de procedência quanto a distância estão associados a diferenças no número médio de filhos.

Para avançar um pouco mais deveríamos explorar o papel que algumas variáveis básicas desempenham na explicação destas diferenças. No caso dos migrantes é importante verificar o papel do número médio de filhos que os migrantes já possuem ao chegar na área e, tanto para migrantes como para os nativos, o papel da composição etária e dos níveis diferentes na proporção de casados que os distintos subgrupos podem apresentar. Terminamos esta seção com uma primeira avaliação do papel destas variáveis.

c) As diferenças no número médio de filhos e o papel da fecundidade ao chegar, da estrutura etária e da proporção de casados

Para avaliar, ainda que de forma indireta e aproximada, a fecundidade dos migrantes ao entrar em cada área, tomamos o número total de filhos tidos até o momento da chegada e o dividimos pelo número de pessoas de 14 anos ou mais naquele momento. Trata-se, como é óbvio, de medida precária, pois além de outras limitações já mencionadas, corresponde ao número de filhos já tidos em diferentes momentos do tempo. Para avaliar o impacto de estruturas etárias diferenciais tomamos a proporção de migrantes residentes na faixa dos 18-29 anos e, finalmente, tomamos também a proporção de casados nos vários subconjuntos, ambas as variáveis definidas para o momento da entrevista. Os dados básicos aparecem na Tabela 7, ao final desta seção.

Considerando-se o elevado número de comparações que podem ser feitas, optamos por oferecer aqui apenas uma avaliação resumida do impacto destas três novas variáveis sobre a variável número total de filhos tidos por adulto,

no momento da entrevista. Para isso, sem levar em conta os contextos, ordenamos cada uma das variáveis consideradas (nº médio de filhos ao chegar, proporção de casados, proporção na faixa de 18 a 29 anos e número médio de filhos no momento da entrevista) e calculamos os coeficientes de correlação ordinais para cada par de variável. Os resultados aparecem na Tabela 6.

TABELA 6

CORRELAÇÕES ORDINAIS (RHO DE SPEARMAN)

Variáveis	X ₁ Nº médio de filhos no momento da entrevista	X ₂ Nº médio de filhos ao chegar	X ₃ % de casados	X ₄ % de pessoas de 18-29 anos
X ₂	0.84	-		
X ₃	0.12	0.02	-	
X ₄	0.03	0.35	0.35	-

Digna de nota é a correlação ordinal relativamente elevada entre a variável "número médio de filhos ao chegar" e "número médio de filhos no momento da entrevista". A existência de tal correlação indicaria que o impacto do contexto é relativamente homogêneo sobre os vários grupos, persistindo, portanto, as posições relativas dos vários subgrupos ao longo do processo reprodutivo que se dá no contexto. Por outro lado, se examinamos o "número médio de filhos ao chegar" para os diferentes subgrupos de migrantes, notamos maior homogeneidade entre eles, para cada contexto, que a existente para o "número médio de filhos no momento da entrevista" (Ver Tabela 7). Se isso for correto, o impacto do contexto para os migrantes seria mais complexo: manteria as diferenças de posição mas aumentaria as diferenças quanto ao "número médio de filhos".

TABELA 2
MIGRAÇÃO E FECUNDIDADE - DADOS BÁSICOS

Local de Residência	Local de Procedência	Ao Chegar		No Momento da Entrevista		
		Nº total de filhos por pessoa de mais de 14 anos	(N)	Nº médio de filhos por pessoa de mais de 14 anos	2 Casados	2 na faixa de 18-29 anos
Santa Cruz Urbano	Nativos	-				
	Longa Distância	0.82	57	1.50	50.5	47.3
	Curta Dist. Rural	1.27	88	2.03	74.6	21.1
	Curta Dist. Urbano	1.07	14	2.49	78.0	14.4
	Longa Dist. Rural	1.56	36	2.58	84.2	15.8
				2.72	70.0	22.0
Santa Cruz Rural	Nativos	-				
	Longa Dist. Urbano	(0.00) *	(3)	3.00 *	75.7 *	33.6 *
	Curta Dist. Rural	0.86	21 *	(0.67) *	(100.0) *	(33.3) *
	Curta Dist. Urbano	(3.71)	(7)	3.55 *	74.1 *	22.2 *
	Longa Dist. Rural	1.60	25	(4.00) *	(75.0) *	(25.0) *
				4.65	79.4	23.5
Parnaíba Urbano	Nativos	-				
	Longa Dist. Urbano	2.63	74	3.50	58.6	44.8
	Curta Dist. Rural	2.95 *	41 *	4.82	76.8	23.2
	Curta Dist. Urbano	(2.50)	(8)	4.75	68.8	24.6
	Longa Dist. Rural	2.22	72	5.00	75.0	16.7
				4.92	59.6	28.7
Parnaíba Rural	Nativos	-				
	Longa Dist. Urbano	3.60	10	4.80	71.3	33.8
	Curta Dist. Rural	3.93	15	4.81	81.3	25.0
	Curta Dist. Urbano	3.87	32	5.22	81.5	25.9
	Longa Dist. Rural	3.28	68	6.17	76.2	35.7
				7.14	79.6	9.7

Nota: (*) Menos de 10 casos.

De qualquer maneira, os resultados conseguidos até aqui sugerem que devemos desenvolver uma estratégia de análise dos dados que nos permita avaliar o processo reprodutivo de migrantes e nativos, abandonando progressivamente a análise estática comparada. A próxima seção deste trabalho apresenta uma tentativa nesta direção. Contudo, como a ênfase passa a ser no processo, passamos também a subdividir o grupo dos migrantes de acordo com critérios que se referiam à trajetória de ingressos e saídas nos contextos considerados. Posteriormente, quando tratarmos dos nove contextos, procuraremos integrar os dois critérios de definição de subconjuntos de migrantes.

3. SITUAÇÃO DOS MIGRANTES EM CADA CONTEXTO SEGUNDO A TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA

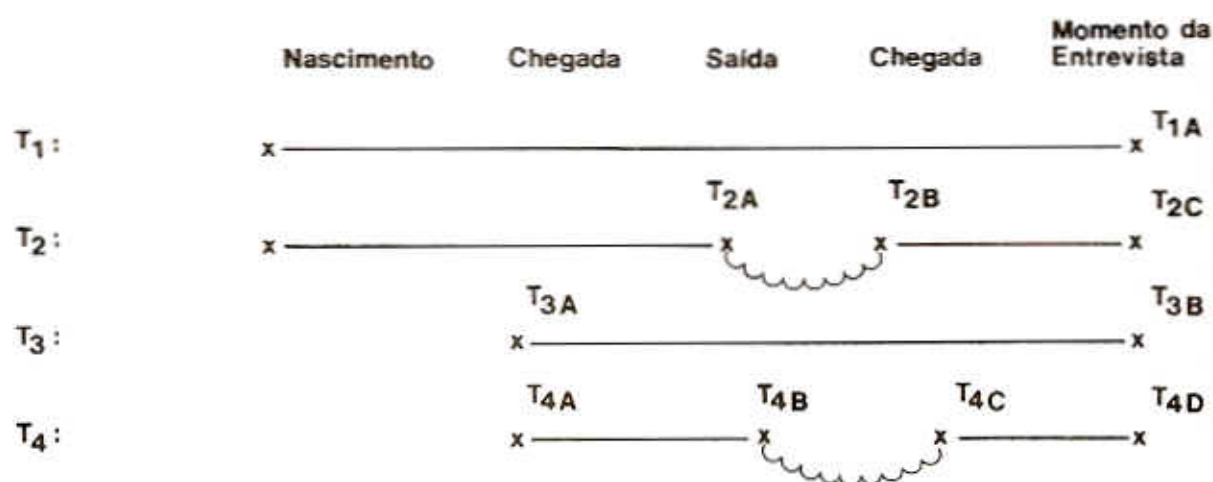
Partindo-se das amostras de residentes em cada contexto, nosso interesse nesta seção será:

1. conhecer a composição dessa amostra, em cada área, quanto à movimentação de certos sub-grupos no tempo e no espaço;
2. conhecer certas características, ligadas à reprodução desses sub-grupos nos momentos de entrada e de saída da área em questão.

Tratando-se de uma amostra de residentes, estes podem ser classificados em quatro grandes categorias ou tipos, a saber:

- T_1 : nasceram e nunca saíram da área
- T_2 : nasceram na área, saíram e voltaram
- T_3 : entraram na área e nunca mais saíram
- T_4 : entraram na área, saíram e voltaram

Esquemáticamente, para uma área fixada, estes tipos podem estar assim representados:



Evidentemente, os momentos de nascimentos, chegadas e saídas são os mais variados no tempo, exceção feita quanto ao momento da entrevista que está fi-xado, para efeito desta análise, em 1975. Outra observação importante é que serão aqui considerados também como nativos aqueles indivíduos que entraram na área com menos de um ano de idade.

Neste estudo, consideraremos apenas T_2 , T_3 e T_4 , ficando para uma análise posterior um estudo comparativo com T_1 . Ou seja, se procurará mais tarde ver, para períodos fixados de tempo que proporcionem o mesmo tempo de expo-sição aos eventos reprodutivos a que estiveram expostos os demais sub-gru-pos, como evoluíram as características dos nativos que nunca deixaram a á-reia.

A Tabela 8 apresenta, para os quatro contextos aqui estudados, a composição das amostras quanto aos tipos de trajetória migratória. Como se pode obser-var, são bastante distintos os quatro contextos quanto à esta composição. De fato, Santa Cruz Rural apresenta uma população mais estável, do ponto de vista de deslocamentos no espaço, cabendo a Parnaíba Urbano a menor propor-ção de nativos puros, isto é, que nunca saíram da área e praticamente 50% lá entraram para ficar. O tipo T_3 é, em todos os contextos, o mais frequen-te dentre os três que se refere a migrações de uma ou outra modalidade. As migrações do tipo entra-sai-entra (T_4) são as mais raras.

TABELA 8

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS EM QUATRO CONTEXTOS

Trajetórias	Santa Cruz		Santa Cruz		Parnaíba		Parnaíba	
	Urbano		Rural		Urbano		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
T ₁	195	49.1	295	74.1	111	27.8	191	48.1
T ₂	36	9.1	27	6.8	46	11.5	42	10.6
T ₃	146	36.8	68	17.1	199	49.9	131	33.0
T ₄	20	5.0	8	2.0	43	10.8	33	8.3
Total	397	100.0	398	100.0	399	100.0	397	100.0

a) Composição e níveis de fecundidade em momentos migratórios significativos

Isto posto, procuraremos ver, a seguir, algumas características desses três sub-grupos no sentido de buscar regularidades, se existirem, ou acentuar possíveis diferenças. A Tabela 9 apresenta alguns resultados para o tipo T₂, em três momentos, isto é, quando os nativos da área saíram, T_{2A}, quando eles voltaram, T_{2B}, e no momento da entrevista, T_{2C}. A julgar pela idade mediana dos grupos, nestes três instantes da trajetória migratória, pode-se dizer que no referente à imigração de retorno, em Santa Cruz eles permaneceram mais tempo fora, digamos 5.9 e 5.5 anos para os pontos rural e urbano, respectivamente, enquanto em Parnaíba Urbano o tempo médio de ausência da região foi igual a 4.8 anos, cabendo 3.8 anos a Parnaíba Rural. Por outro lado, a partir do momento em que retornaram, estavam entre 10 e 15 anos na área de nascimento.

Curioso é o fato de que, apesar de serem, Santa Cruz e Parnaíba, contextos tão distintos do ponto de vista de suas economias e processos de desenvolvi

mento, suas populações apresentam praticamente a mesma idade mediana ao emigrarem para outras regiões. Realmente estas idades variaram apenas de 17.5 a 19.5 anos. Corroborando estes resultados, está também a similitude quanto à proporção bastante elevada do grupo ainda sem filhos, em torno de 75%, com exceção de Santa Cruz Rural, onde é um pouco mais elevada.⁴ Também muito semelhante a proporção de mulheres solteiras nas três áreas, com a mesma exceção. Todos estes resultados levam a pensar na necessidade de se buscar interpretações não dependentes exclusivamente das características sócio-econômicas dos contextos para explicar este tipo de trajetória.

Do ponto de vista dos níveis de fecundidade, a comparação de T_{2C} , para os quatro contextos, reafirma a diferença já encontrada entre Santa Cruz e Parnaíba, que se constituem nos extremos do gradiente construído com as nove áreas cobertas pela Pesquisa Nacional de Reprodução Humana. Ou seja, Santa Cruz Urbano com o menor número médio de filhos 2.5, seguida por Santa Cruz Rural com 3.7, com 5.9 para Parnaíba, urbano e rural.

Quanto ao destino, foi a seguinte a situação: dos saídos de Santa Cruz Urbano (T_{2A}), 89% ficaram no próprio Estado, isto é, Rio Grande do Sul, e os restantes 11% estiveram assim distribuídos:

Minas Gerais	2.8%
Guanabara	5.6%
Santa Catarina	2.8%

Ao voltarem (T_{2B}), o Estado contribuiu com 86%, mostrando que daqueles 89% uma fração fez outros percursos antes do retorno. Alguns (2.8%) vieram do estrangeiro; Minas Gerais e Santa Catarina mantiveram os 2.8%, e aparecem agora Guanabara, com 2.8% e São Paulo, também com 2.8%.

Santa Cruz Rural apresenta um quadro mais uniforme, ou seja, ao saírem de

(4) Vale a pena lembrar que neste contexto, o número de casos nesta situação é o menor de todos, isto é, 27 e, portanto, as proporções estão sujeitas a uma maior variação devido às flutuações amostrais.

TABELA 2

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₂ (MIGRAÇÃO DE RETORNO)

SANTA CRUZ URBANO

Trajetória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% Filhos sem Filhos	Nº (*) Médio Filhos	% Migração Familiar
T _{2A}	44,4	61,1	75,0	0,0	19,5	75,0	2,8	52,9
T _{2B}	44,4	38,9	50,0	5,5	25,0	58,3	2,5	51,6
T _{2C}	44,4	13,9	5,6	30,6	39,3	22,2	2,5	-

SANTA CRUZ RURAL

Trajetória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% Filhos sem Filhos	Nº (*) Médio Filhos	% Migração Familiar
T _{2A}	48,1	55,6	88,9	3,7	18,2	85,2	0,7	64,0
T _{2B}	48,1	33,3	62,9	3,7	24,1	66,7	3,4	56,5
T _{2C}	48,1	18,5	18,5	22,2	33,5	29,6	3,7	-

Nota: (*) Calculado com base nas mulheres que tiveram filhos.

(continua)

TABELA 2
ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₂ (MIGRAÇÃO DE RETORNO)

PARNAÍBA URBANO

Trajetória		$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	Idade Mediana (anos)	$\bar{x}$	Nº (*)	$\bar{x}$
T ₂	Mulheres	Solteiras	<25 Anos	50 ou +		sem Filhos	Médio Filhos	Migração Familiar
T _{2A}	50.0	65.2	91.3	2.2	17.5	76.1	3.0	56.9
T _{2B}	50.0	44.4	64.4	4.4	22.3	46.7	4.8	56.8
T _{2C}	50.0	8.7	17.4	30.4	37.5	17.4	5.9	-

PARNAÍBA RURAL

Trajetória		$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	Idade Mediana (anos)	$\bar{x}$	Nº (*)	$\bar{x}$
T ₂	Mulheres	Solteiras	<25 Anos	50 ou +		sem Filhos	Médio Filhos	Migração Familiar
T _{2A}	50.0	61.9	83.3	2.4	18.7	76.2	3.8	47.5
T _{2B}	50.0	36.6	61.0	2.4	22.5	53.7	4.1	51.3
T _{2C}	50.0	19.0	16.7	21.4	36.0	16.7	5.9	-

Nota: (*) Calculado com base nas mulheres que tiveram filhos.

lá, 85.2% ficaram no Rio Grande do Sul, 11.1% em Santa Catarina e 3.7% no Paraná, isto é, todos no Sul. Ao retornarem, 88.9% vieram do mesmo Estado e 11.1% de Santa Catarina. Estes resultados fazem supor que os 3.7% que foram de início ao Paraná voltaram para algum lugar do Rio Grande do Sul para então retornar à área rural de Santa Cruz. Em Parnaíba Urbano, apenas 32.6% dos emigrantes ficam no Piauí, 43.5% vão para outros Estados do Nordeste; 15.2%, para o Distrito Federal, 2.2% para o Pará, 4.4% para Minas Gerais e Guanabara e 2.2% deixam o país. Ao regressarem, 31.1% entram pelo próprio Estado, mostrando também aqui que uma mínima fração tenta outros percursos fora do Estado antes de voltar à origem. Quase certamente passam por outros Estados do Nordeste, como atestam os 51% que correspondem, agora, à esta procedência, em comparação com os 43.5% no momento da saída.

Finalmente, em Parnaíba Rural, ao saírem, apenas 16.7% permanecem no mesmo Estado e 57.2% se dirigem a outras regiões do mesmo Nordeste, destacando-se o Maranhão, que recebe 38.1%. Para o Norte vão 9.6% e o Distrito Federal recebe 11.9% desses emigrantes, cabendo 4.4% a São Paulo e Guanabara. No caminho de volta para casa mesmo esses nordestinos que saíram e ficaram no Estado ainda tentam outras possibilidades, como atesta a baixa percentagem, 9.8%, dessa procedência. O Maranhão foi o maior ponto de atração, 43.9%; São Paulo e Guanabara também se constituem em tentativas frustradas pois o percentual de 4.8% ao saírem passa a 9.7% como local de procedência.

Passando-se à consideração do tipo T_3 , isto é, dos imigrantes que uma vez chegados não mais saíram (Tabela 10), nota-se que chegaram nos vários contextos com praticamente a mesma idade, em torno de 20 anos. Em Santa Cruz Urbano, chegaram com 3.2 filhos em média e, após quase 17 anos de permanência, em média, durante os quais a proporção de casados passou de 38% para 84%, o padrão do número de filhos não variou, isto é, foi de 3.3. Já em Santa Cruz Rural, quando entraram vieram com o mesmo padrão de fecundidade do urbano, isto é, 3.1 filhos, mas após aproximadamente 20 anos, em média, de permanência com uma proporção de casados passando de 38% para 90%, este número subiu para 5.0 filhos.

Curiosamente, em Parnaíba se repete mais ou menos este mesmo esquema, ape-

TABELA 10

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₃

SANTA CRUZ URBANO

Trajetória		Idade		Número		Migração Familiar
T ₃	Mulheres	Solteiras	<25 Anos	50 ou +	sem Filhos	
T _{3A}	64.4	62.3	70.5	2.7	21.2	71.9
T _{3B}	64.4	15.8	8.2	26.7	38.8	27.4
						3.3
						-

SANTA CRUZ RURAL

Trajetória		Idade		Número		Migração Familiar
T ₃	Mulheres	Solteiras	<25 Anos	50 ou +	sem Filhos	
T _{3A}	63.2	61.8	78.0	1.4	19.0	70.6
T _{3B}	63.2	10.3	14.7	32.3	41.2	16.2
						5.0
						-

(continua)

TABELA 10

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₃

PARNAÍBA URBANO

Trajetória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% sem Filhos	Número Médio Filhos	% Migração Familiar
T ₃								
T _{3A}	62.3	52.3	59.8	5.5	20.9	60.3	5.2	69.9
T _{3B}	62.3	16.1	14.6	32.7	39.5	20.1	5.9	-

PARNAÍBA RURAL

Trajetória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% sem Filhos	Número Médio Filhos	% Migração Familiar
T ₃								
T _{3A}	60.3	49.6	59.6	6.9	19.0	64.1	5.9	78.0
T _{3B}	60.3	3.8	8.4	42.0	47.3	11.5	7.1	-

nas com níveis de fecundidade mais elevados. De fato, em Parnaíba Urbano, os que chegam trazem 5.2 filhos, e após 19 anos de permanência, com uma proporção de casados que passa de 48% para 84%, o número de filhos se altera pouco, isto é, 5.9. Mantém-se assim o mesmo nível de chegada. Mas em Parnaíba Rural os imigrantes chegam com o mesmo padrão do urbano mas ao longo do tempo atingem um nível de 7.1 filhos.

Quanto à procedência desses imigrantes, dos que chegaram a Santa Cruz Urbano, 94.5% vieram do próprio Estado, e 2.8% de Santa Catarina e Paraná, 1.4% de São Paulo e 1.5% diretamente do exterior. Para Santa Cruz Rural, todos procederam do Rio Grande do Sul e destes, 92% de procedência rural. Parnaíba Urbano recebeu 40% do próprio Piauí, 27% do Maranhão, 30% do Ceará, 1% da Guanabara e Distrito Federal. Para a área rural de Parnaíba, a composição dos imigrantes era muito similar à anterior, ou seja, 38% do Estado, 30% do Maranhão e 28% do Ceará.

Consideremos, agora, os imigrantes do tipo T_4 , isto é, os que chegaram, saíram e voltaram (Tabela 11). Em primeiro lugar, a grande maioria chegou muito jovem, tanto em Santa Cruz (13.0 e 12 anos) quanto em Parnaíba (11.1 e 11.6 anos). Praticamente 90% com menos de 25 anos nos quatro contextos, e, por conseguinte, a grande maioria solteira e sem filhos ao chegar.

Em média de 6 a 7 anos após a chegada, estes grupos de Santa Cruz Urbano e Rural e de Parnaíba Urbano saem de suas áreas respectivas emigrando para outros lugares. Somente em Parnaíba Rural o tempo médio de permanência foi maior, isto é, 14 anos. Ao saírem muitos já se casaram na área e é em Parnaíba Rural onde esta entrada em união conjugal é mais marcante, ou seja, a proporção de casados passou de 12% para 55%. O número médio de filhos, ao sair, também aumentou, com exceção de Santa Cruz Urbano, onde se manteve.

Em Santa Cruz, os emigrantes retornam mais tarde, em média 10 e 13 anos, respectivamente, para a área urbana e rural de Santa Cruz. Ao retornarem, grande parte volta casada, e conseqüentemente, diminui bastante a proporção de mulheres sem filhos em todos os quatro contextos. Santa Cruz Urbano, entretanto, continua mantendo nível mais baixo de fecundidade (2.5) em oposi-

TABELA 11

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₄

SANTA CRUZ URBANO

Trajetoória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% sem Filhos	Número Médio Filhos	% Migrações Familiares
T _{4A}	50.0	70.0	90.0	0.0	13.0	90.0	1.5	70.0
T _{4B}	50.0	65.0	75.0	0.0	19.5	75.0	1.4	55.0
T _{4C}	50.0	40.0	35.0	5.0	29.5	40.0	2.9	75.0
T _{4D}	50.0	0.0	0.0	35.0	38.5	0.0	2.5	-

SANTA CRUZ RURAL

Trajetoória	% Mulheres	% Solteiras	% <25 Anos	% 50 ou +	Idade Mediana (anos)	% sem Filhos	Número Médio Filhos	% Migrações Familiares
T _{4A}	50.0	87.5	87.5	0.0	12.0	87.5	2.0	71.4
T _{4B}	50.0	75.0	75.0	0.0	19.0	75.0	4.0	42.8
T _{4C}	50.0	25.0	25.0	0.0	32.0	37.5	6.6	62.5
T _{4D}	50.0	0.0	0.0	37.5	49.0	12.5	7.0	-

(continua)

TABELA 11
ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE TRAJETÓRIA T₄

PARNAÍBA URBANO

Trajetória		%	%	%	Idade Médiana (anos)	%	Número	%
T ₄	Mulheres	solteiras	<25 Anos	50 ou +		sem Filhos	Médio Filhos	Migrações Familiares
T _{4A}	51.2	72.1	86.0	0.0	11.1	81.4	3.9	63.4
T _{4B}	51.2	55.8	69.8	0.0	18.5	69.8	4.3	41.9
T _{4C}	51.2	39.5	55.8	4.6	24.2	55.8	5.3	50.0
T _{4D}	51.2	16.3	13.9	27.9	43.7	16.3	6.7	-

PARNAÍBA RURAL

Trajetória		%	%	%	Idade Médiana (anos)	%	Número	%
T ₄	Mulheres	solteiras	<25 Anos	50 ou +		sem Filhos	Médio Filhos	Migrações Familiares
T _{4A}	42.4	78.8	87.9	0.0	11.6	87.9	5.5	67.7
T _{4B}	42.4	33.3	45.4	9.1	25.5	54.5	6.9	48.5
T _{4C}	42.4	21.2	21.2	12.1	31.5	30.3	6.5	57.6
T _{4D}	42.4	3.0	6.1	42.4	46.7	6.1	7.2	-

ção a Parnaíba Rural, que atinge 7.2 filhos por mulher.

Olhando a procedência desses "entram-saem-entram", verifica-se que para Santa Cruz este circuito migratório se dá quase que totalmente dentro do próprio Estado. Ao entrarem em Santa Cruz Urbano, 95% procedeu do Rio Grande do Sul e 5% do estrangeiro; ao saírem, 95% ficam no Estado e 5% vão a São Paulo; finalmente, ao regressarem, 95% vêm do Estado e 5% de fora do país. Já para Santa Cruz Rural, nos três momentos, 100% chegam, vão e voltam sempre dentro do Rio Grande do Sul. Estes movimentos de curta distância devem explicar a facilidade de entrar e sair.

Também em Parnaíba o fenômeno é de espectro mais concentrado, ou seja, ao chegarem a Parnaíba Urbano, 44% vieram do Piauí, 35% do Ceará e 21% do Maranhão. Quando saíram, 53% ficaram no Estado, 19% ou foram ou voltaram ao Maranhão; Ceará e Bahia recebem 16% deles; Guanabara e Distrito Federal, 9%. É interessante observar que o Mato Grosso aparece por primeira vez como um dos pontos de destino (2.3%). No retorno, as procedências são as mesmas, mantendo-se o mesmo peso relativo de cada uma.

Finalmente, em Parnaíba Rural, 27% chegam do mesmo Piauí, 36% do Maranhão e 36% do Ceará. Ao saírem, 24% se dirigem a outras áreas do Estado, aumenta a emigração para o Maranhão (48%), cai a preferência pelo Ceará (12%) e surge o Distrito Federal como uma possibilidade, isto é, recebendo 15%. Voltam a Parnaíba Rural, 48% vindos do Maranhão, 24% do Estado e 12% do Ceará, 12% do Distrito Federal e 3% aparecem oriundos do Amazonas, o que mostra a presença de trajetórias intermediárias entre o momento de saída e o de chegada.

De tudo o quanto foi visto até agora, quando olhamos os contextos no momento da entrevista (aqui traduzido pelo ano 1975), vemos que o número médio de filhos por mulher varia com o tipo de trajetória migratória (Tabela 12). Em parte, isto pode ser devido ao ciclo vital da família, traduzido pela estrutura etária e pela nupcialidade dos presentes, e em parte, possivelmente pelas condições de vida e de trabalho a que estiveram expostos de forma diferenciada os sub-grupos de cada contexto. Os determinantes dessas dife-

renças deverão constituir uma de nossas preocupações em trabalho ulterior sobre o assunto.

TABELA 12

COMPARAÇÃO DE TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS QUANTO À FECUNDIDADE

Contextos	Trajetórias	Nº Médio Filhos	Idade Mediana (anos)	% de Casadas
Santa Cruz - Urbano	T _{2C}	2.5	39.3	86.1
	T _{3B}	3.3	38.8	84.2
	T _{4D}	2.5	38.5	100.0
Santa Cruz - Rural	T _{2C}	3.7	33.5	81.5
	T _{3B}	5.0	41.2	89.7
	T _{4D}	- (*)	-	-
Parnaíba - Urbano	T _{2C}	5.9	37.5	91.3
	T _{3B}	5.9	39.5	83.9
	T _{4D}	6.7	43.7	83.7
Parnaíba Rural	T _{2C}	5.9	36.0	81.0
	T _{3B}	7.1	47.3	96.2
	T _{4D}	7.2	46.7	97.0

Nota: (*) Número muito reduzido de casos.

Um outro ponto que merece atenção surge quando se compara T_{3A} com T_{4A}, isto é, as características daqueles imigrantes que ficaram para sempre na área e aqueles que entraram, saíram e voltaram. Os primeiros apresentam nos quatro contextos, pontos em comum, quando comparados aos últimos. De fato, são em média mais velhos: 8 e 7 anos em Santa Cruz Urbana e Rural, respectivamente, e 10 anos em Parnaíba Urbano e 7 anos na área rural do mesmo município.

Não apenas são mais velhos, mas entram na área, como adultos, em maior proporção. Há mais casados neste tipo de imigrante e, conseqüentemente, trata-se de contingentes que imigram com a família. Dentre as mulheres que tiveram filhos, o número médio de filhos por mulher é sempre maior para o grupo de tipo T_{3A} do que T_{4A} . Diante disto, pode-se pensar que, ou eles vieram com a deliberação de ficar porque já estavam em uma fase do ciclo vital em que a família já estava constituída e em etapa de expansão, ou que vieram sem deliberação prévia mas acabaram ficando por causa da fase do ciclo familiar em que se encontravam.

b) A dinâmica reprodutiva durante a permanência no contexto de imigração

Outro tipo de análise que pretendemos realizar é no sentido de tornar mais explícita a dinâmica familiar (principalmente nupcialidade e fecundidade), a partir do momento de chegada na área e até o momento da entrevista (1975). Realizando o mesmo tipo de análise para os nativos e comparando-se esta dinâmica, para os mesmos cortes no tempo, entre os diversos tipos de migrantes entre si, e destes com os nativos, acreditamos que teremos dado um passo adiante tanto na direção metodológica quanto na interpretativa.

Para este tipo de exercício, escolhemos os migrantes de tipo T_3 por serem, como já vimos, os mais numerosos. Para tanto, definimos quatro cortes no tempo, isto é, aqueles que chegaram entre 1955 e 1959, entre 1960 e 1964, entre 1965 e 1969, e entre 1970 e 1975.

A Tabela 13 ilustra a primeira etapa deste exercício para Santa Cruz Urbano. Como já vimos, o total de migrantes deste tipo T_3 para este contexto foi igual a 146. Acontece, porém, que destes, 46.6% entraram nesta área antes de 1955, restando apenas 78 casos para os últimos 20 anos. Do total, portanto, 8.9%, 12.3%, 15.1% e 17.1% correspondem, respectivamente, às proporções de entradas nos quatro períodos de tempo definidos. Isto limitou muito o alcance da análise, dado o relativo pequeno número de casos.

Por este motivo, trabalhamos aqui com apenas dois períodos de entrada, isto

TABELA 13
DINÂMICA FAMILIAR NA ÁREA DE DESTINO, EM DUAS ÉPOCAS DE CHEGADA.
MIGRANTES DO TIPO T₃. SANTA CRUZ URBANO

Ano de Chegada	Ao Chegar		Até 1975	
	Situação Conjugal	Nº %	Situação Conjugal	Nº %
1955 a 1964 21.2%	C	19 61.3	C	23 74.2
	S	12 38.7	S	5 16.1
	D	0 0.0	D	3 9.7
	Total	31 100.0	Total	31 100.0
	F	3	F	43
	F ₁	0.097	F ₁	1.39
	F ₂	0.158	F ₂	1.65
1965 a 1975 32.2% (*)	Situação Conjugal	Nº %	Situação Conjugal	Nº %
	C	35 74.5	C	39 83.0
	S	12 25.5	S	7 14.9
	D	0 0.0	D	1 2.1
	Total	47 100.0	Total	47 100.0
	F	4	F	38
	F ₁	0.085	F ₁	0.808
	F ₂	0.114	F ₂	0.950

Notas:

F = Número de filhos.

F₁ = Número médio de filhos baseado no total de pessoas.

F₂ = Número médio de filhos baseado só nos casados e divorciados.

$\bar{x}_M$ = Proporção de solteiros que se casaram depois que chegaram.

T = Tempo médio de exposição na área.

(*) Os restantes 46.6% entraram na área antes de 1955.

C = Casados S = Solteiros D = Divorciados

é, de 1955 a 1964 e de 1965 a 1975. Os cálculos que aparecem na Tabela 6 ilustram bem o tipo de análise que se pretende fazer e que posteriormente se fará, começando com datas mais afastadas no tempo a fim de captar maior número de casos. As Tabelas 14 e 15 só aparecem no texto para manter a uniformidade na apresentação, uma vez que o reduzidíssimo número de casos impede qualquer análise. Nos deteremos, portanto, em Santa Cruz Urbano e Parnaíba Rural, extremos que são, dentre os contextos estudados pela Pesquisa Nacional, de um processo social e econômico em curso na sociedade brasileira.

Em Santa Cruz Urbano, dos 31 migrantes que entraram entre 1955 e 1964, a maior parte já veio casada e deveriam ser ainda jovens, a julgar pelo número médio de filhos por pessoas casadas ou divorciadas, isto é, 0.158. Decorridos, em média, 16.5 anos de permanência na área, 58% dos solteiros se casaram; dos casados, três se divorciaram e a fecundidade passou a 1.65. Para o grupo que entrou mais tarde, isto é, entre 1965 e 1975, um maior contingente era de casados e com uma fecundidade bem menor do que a da coorte anterior, isto é, 0.114 filhos por adulto casado ou divorciado. Após 6 anos, em média, na área, 42% se casaram, houve 1 divórcio e a fecundidade passou a 0.950. Reduzindo-se as diferenças entre os números médios de filhos nos dois períodos a uma base anual para comparação, teríamos:

$$1955 \text{ a } 1964 \quad \frac{1.65 - 0.158}{16.5} = 0.090$$

$$1965 \text{ a } 1975 \quad \frac{0.950 - 0.114}{6} = 0.139$$

ou seja, para os últimos migrantes, a fecundidade foi 35% maior do que para o contingente que entrou no período anterior. E uma investigação sobre as estruturas etárias dos dois grupos de migrantes ajudaria a esclarecer esta diferença, pouco esperada para Santa Cruz Urbano.

Passando-se a Parnaíba Rural, vemos também que em ambos os períodos de en-

TABELA 14

DINÂMICA FAMILIAR NA ÁREA DE DESTINO, EM DUAS ÉPOCAS DE CHEGADA.
MIGRANTES DO TIPO T₃. SANTA CRUZ RURAL

Ano de Chegada	Ao Chegar			Até 1975			
	Situação Conjugal	Nº	%		Situação Conjugal	Nº	%
1955 a 1964	C	2	40.0	$\bar{T} = 16.5$ anos $\%M = 66.7$	C	4	80.0
	S	3	60.0		S	1	20.0
	D	0	0.0		D	0	0.0
	Total	5	100.0		Total	5	100.0
7.3%	F	0			F	6	
	F ₁	0			F ₁	1.20	
	F ₂	0			F ₂	1.50	

1965 a 1975	Situação Conjugal	Nº	%	$\bar{T} = 6$ anos	Situação Conjugal	Nº	%
	C	6	100.0		C	6	100.0
	S	0	0.0		S	0	0.0
	D	0	0.0		D	0	0.0
8.8% (*)	Total	6	100.0	Total	6	100.0	
	F	3			F	5	
	F ₁	0.50			F ₁	0.833	
	F ₂	0.50			F ₂	0.833	

Nota: (*) 88.2% dos migrantes entraram antes de 1955.

TABELA 15

DINÂMICA FAMILIAR NA ÁREA DE DESTINO, EM DUAS ÉPOCAS DE CHEGADA.
MIGRANTES DO TIPO T₃. PARNATBA URBANO

Ano da Chegada	Ao Chegar			Até 1975		
	Situação Conjugal	Nº	%	Situação Conjugal	Nº	%
1955 a 1964 5.5%	C	7	63.6	C	9	81.8
	S	3	27.3	S	2	18.2
	D	1	9.1	D	0	0.0
	Total	11	100.0	Total	11	100.0
	F	1		F	39	
	F ₁	0.091		F ₁	3.54	
	F ₂	0.125		F ₂	4.33	
1965 a 1975 4.5%	C	6	66.7	C	6	66.7
	S	3	33.3	S	3	33.3
	D	0	0.0	D	0	0.0
	Total	9	100.0	Total	9	100.0
	F	4		F	14	
	F ₁	0.444		F ₁	1.55	
	F ₂	0.667		F ₂	2.33	

Nota: (*) 90% dos migrantes entraram antes de 1955.

TABELA 16

DINÂMICA FAMILIAR NA ÁREA DE DESTINO, EM DUAS ÉPOCAS DE CHEGADA.
MIGRANTES DO TIPO T₃. PARNAÍBA RURAL

Ano de Chegada			Ao Chegar			Até 1975			
Situação Conjugal			Nº	%	Situação Conjugal			Nº	%
1955 a 1964									
C	14	53.8	$\bar{T} = 16.5$ anos $\%M = 875$	C	22	84.6			
S	8	30.8		S	1	3.8			
D	4	15.4		D	3	11.6			
Total	26	100.0		Total	26	100.0			
19.8%									
F			3		F			84	
F ₁			0.115		F ₁			3.23	
F ₂			0.167		F ₂			3.36	
Situação Conjugal			Nº	%	Situação Conjugal			Nº	%
1965 a 1975									
C	14	82.3	$\bar{T} = 6$ anos $\%M = 100.0$	C	15	88.2			
S	2	11.8		S	0	0.0			
D	1	5.9		D	2	11.8			
Total	17	100.0		Total	17	100.0			
13.0% (*)									
F			3		F			14	
F ₁			0.176		F ₁			0.823	
F ₂			0.200		F ₂			0.823	

Nota: (*) 74.8% dos migrantes entraram antes de 1955.

trada os maiores contingentes são de pessoas casadas, principalmente para os imigrantes mais recentes. Uma vez entrados na área quase todos se casam. A fecundidade para o primeiro grupo que chega, no período aqui analisado, foi de 0.167 e passa após 16.5 anos de exposição, em média, para 3.36 filhos por adulto casado ou divorciado, dando um aumento anual relativo de:

$$\frac{3.36 - 0.167}{16.5} = 0.193$$

Para os últimos imigrantes, este valor foi de:

$$\frac{0.823 - 0.200}{6} = 0.104$$

revelando uma queda de 54% entre um período e o seguinte. Também aqui será extremamente útil uma padronização por idade porque a idêla que se tinha ao trabalharmos com a amostra total deste contexto é que ele apresentava fecundidade elevada e estável.